

O DOMINGO

ilustrado

SEMANARIO
A. B. PEDRO Y. C.
TELE 6371 LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

MOTORES E ACTIVIDADES GAZETAS - THEATROS SPORTS E AVENTURAS - CONSULTORIOS E UTILIDADES



Na cidade das Caldas da Rainha

Inaugurou-se a V Exposição, com enorme exito, constituindo o certamen de agora uma manifestação de intenso progresso e de magnifico espirito de iniciativa. O 'Domingo' sauda no povo da linda cidade extremenha as melhores qualidades da nossa Raça.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Nessa noite, contrariando todas as rigorosas prescrições medicas, ceei vastamente bacalhau, pimentos e lombo de porco. Deitei-me, adormeci pesadamente e encontrei-me em plena posteridade, no estado de consternação em que V. Ex.^{as} vão ver.

Quasi seculo e meio havia decorrido sobre o meu infausto passamento. Os jornais dessa epoca remota apenas tinham dito, acerca desta perda nacional, a banal meia duzia de banais palavras da banalissima *Necrologia*: «Na casa da sua residencia, rua de tal, numero tantos, faleceu ontem, etc., etc... zeloso funcionario publico. O extinto, que era muito estimado pelas suas qualidades de caracter, era tio em segundo grau do nosso colega na imprensa sr. Fulaninho e sogro do sr. Beltrano, socio da firma Beltrano & Irmão...»

Só estas qualidades de tio, de sogro e de funcionario me recomendavam á attenção do meu país, no estreito entendimento do noticiario, mas breve chegou a reparação da ingratidão tremenda dos meus contemporaneos. A geração que seguiu áquella que assim tão ingratamente me ignorara caiu ávida sobre estas cronicas do «Domingo» e outros trabalhos igualmente espiritosos, e começou a chamar-me nomes gloriosos e a exgotar edições da minha obra.

Tive admiradores, tive fanaticos. Sobre a minha vida fizeram-se pacientes investigações, que encheram alguns volumes. Varias localidades do país disputavam-se a honra de me terem ouvido o primeiro vagido. Lisboa esgrimia com o meu registo de baptismo na freguesia de Santa Isabel, mas investigadores profundos e amigos da controversia provavam com documentos da Torre do Tombo que aquella freguesia, ao tempo do meu nascimento, não pertencia á cidade de Lisboa, e esta mentira era tão bem escorada de argumentos, que reluzia como uma verdade incontestavel. O concelho de Almada era dos que reclamavam a honra de ser meu berço, fundando-se no trecho duma carta que eu escrevera a um amigo e em que dizia: «Sou bem o indigena de Cacilhas, seguindo sempre o mesmo repisado trilho, a caminho da Cova da Piedade».

Este mesmo trecho serviu para avolumar a lenda romantica dos meus amores, atribuindo-se-me uma fatal paixão por uma certa Piedade, que dessa paixão morrerá e a cuja cova eu ia frequentes vezes, em romagem sentimental.

A mais insignificante alusão a um nome de mulher tornou-se, na prosa dos meus biografos, um caso de sentimento. Um volume de quinhentas paginas foi consagrado aos «Tristes amores dum homem alegre». O homem alegre fôra eu e as mulheres que me caíam nos braços nessas quinhentas paginas eram três vezes mais numerosas do que aquelas que, em vida, encontrara nas ruas, mesmo em dia de festa. Mulheres fatais, de olheiras romanticas, e mulheres futeis, de cabelos pintados, contavam-se por dezenas na minha biografia amorosa.



Por XISTO JUNIOR

SONHO DE GLORIA POSTUMA

A apoteose de Xisto Junior pela posteridade admiradora do seu enorme talento

A lenda crescia na proporção da aureola que as gerações iam criando em volta do meu nome. A admiração ganhou foros de idolatria. Rebuscava-se no lixo dos seculos uma frase minha, inédita ainda. Todas as minhas cartas, incluindo as de jogar com que me entretivera a fazer paciencias em noites de melancolia, foram publicadas com notas elucidativas. Nem um cartão de boas-festas escapou á furia rebuscadora dos coleccionadores dos meus vestigios, porque eu tive a consagração suprema dos coleccionadores, fui o idolo da seita dos «xististas».

Esgotados os documentos literarios pela publicação dum rol de lavadeira, que me era atribuido com insofismavel autoridade, encetou-se o farejamento da reliquia. Um prospero commercio e uma industria não menos prospera floresceram á sombra do meu nome. Os botões do colarinho, as canetas e os aparos, que se dizia terem pertencido, os pedaços de mata-borrão, onde a custo se distinguia a contrefacção da minha caligrafia, foram disputados por alto preço. Edições falsificadas dos numeros do «Domingo Ilustrado», em que se exibiam estas interessantes—se me é permitido dizê-lo—paginas, constituíram um negocio excelente. Até um comerciante mais ousado me atribuiu a ignominia dumas botas de elastico, que vendeu a um

de chá frio ao deitar, preferir os mórangos aos abrunhos e rir um pouco das coisas sérias. Quando tudo estava dito, ainda apareceram uns sujeitos



suficientemente habeis para me fazerem dizer, por meio de comunicações espiritas, algumas banalidades que em vida recusaria assinar.

Entretanto, toda a especie de homenagem publica me fôra tributada no decorrer dos tempos. A seita dos «xististas», engrossada de geração para geração, conseguiu que a municipalidade desse o meu nome a uma das arterias da capital, e assim eu tive a «Travessa Xisto Junior», ligando a «Avenida Sousa Costa» com o «Bêco do Ferro».

Por sua vez o governo não descurava a sanção official que as homenagens requeriam e tendo o ministro da Instrução affirmado uma vez, em conselho, que eu fôra uma pessoa importante nas letras, foi decretado que fôsse dado o meu nome á Escola da Arte de Representar da Amadora.

Restava a consagração do monumento, depois de se ter consumado a das lapides varias, colocadas na casa onde se dizia que eu nascera, onde fumara o primeiro cigarro, onde dera a minha demissão de vivo. O monumento tive-o, com efeito, mas em *maquette*, direi mesmo em *pessimaquette*. O escultor representava-me a fazer

equilibrios sobre uma vela de stearina, com um leão familiar ás marradinhas nas pernas e em baixo uma mulher, que era a Gloria—uma sua criada.

Infelizmente este monumento, apesar de lhe lançarem por três vezes a primeira pedra, nunca passou de hipoteses. Mas quem nunca teve um monumento encravado que me lance a primeira pedra, e será a quarta.

Tudo cança, até a celebridade. Anos decorreram em que só se falou de mim nos artigos de fundo e nos discursos patrióticos, citando-me como gloria nacional. Mas um dia sou perturbado, na serena immortalidade que estava gosando, pela notícia de que os meus patricios iam ocupar-se dos meus ossos. Comoveu-me a homenagem, sem duvida a derradeira que as gerações me prestariam.

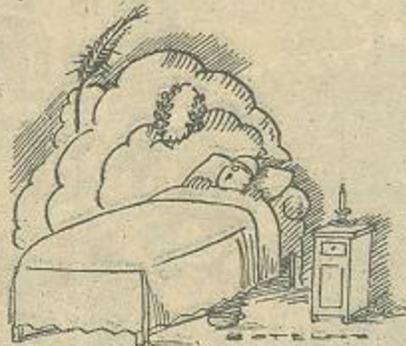
Mas uma dificuldade grave surgia: Onde era que eles estariam, os meus preciosos ossos? Amavelmente ofereceram-se varios esqueletos para me substituirem, como quando foi da trasladação de Camões para os Jeronimos, mas não foi preciso aceitar o oferecimento, porque a comissão nomeada para estudar o assunto encontrou com facilidade os meus despojos, mercê duma providencia que eu adoptara. A minha vida decorrerá, em parte, durante uma epoca de frequentes agitações politicas e eu tivera o prudente cuidado de numerar e rubricar os meus ossos para mos virem trazer a casa, se perdesse alguns na rua. Foi, portanto, com uma tibia ás costas, que a comissão reconstituiu e identificou o meu esqueleto.

Formou-se um cortejo, houve tolerancia de ponto nas repartições publicas. E eu, contemplando em espirito esta homenagem, dizia para os botões da minha alma:

—Onde é que eu irei malhar com os ossos?

Foi nesta altura que acordei, muito agoniado e, tendo tomado bicarbonato, senti-me reentrar, contente, na minha personalidade contemporanea, enquanto o padeiro executava habilmente a campanha electrica da porta a Ave-Maria de Gounod.

XISTO JUNIOR
TELEPATICES



novissimo riquissimo como se fôra um pseudo-leito D. João V.

Numerosos volumes se escreveram a meu respeito, em que minuciosamente se diziam os meus habitos, as minhas preferencias, os meus defeitos, e assim se tornou moda beber um copo



—Porque usas cangalhas?
—Porque sou mio e...
—Então eu que sou sargento devo por um isanulo em cada olho.

VARIA

A pintora do sorriso maternal

A derradeira hora feliz da França monárquica vive nos quadros da mulher que, num dos mais nobres ramos da Arte, mais alta notada conquistou. A hora que sorriu deliciosamente, para mais cruel tornar a hora seguinte, a do massacre e do Terror, vive na obra de Isabel Vigée Lebrun; filha dum pintor mediocre, mulher dum negociante de quadros e pintora de alta categoria, de soberania universal. Quando, em 1770, morreu Boucher—que é, com Walteau, um dos maiores nomes da pintura francesa do século XVIII, a futura grande artista tinha só quinze annos e era já tão célebre como o velho pintor de pastorinhas elegantes. Aos dezanne annos, é eleita membro da Academia de S. Lucas, e assim foi reunindo honrarias durante uma vida que durou mais de dezassete lustros, pois terminou no dia 30 de Março de 1842. A amiga de Maria Antonieta, a artista que andou na esteira lu-

anos antes, se realizara um banquete á moda da velha Grécia, que foi falado, e onde se serviu um "menú" á grega, com receitas culinárias tiradas da obra "Viagens de Anacarsis", do padre Barthelemy. Ao abandonar tantas cousas e pessoas que lhe eram queridas, Isabel Vigée Lebrun abandonava tambem seu marido, a quem nunca amara e que a explorava o melhor possível, gastando com as amantes a fortuna conquistada pelo talento da mulher.

Mme. Vigée Lebrun era a pintora da moda e os seus clientes esperavam tempos infinitos antes que ella os atendesse; a própria duquesa de Orléans, se quis um retrato assinado "Vigée Lebrun", esperou um ano, antes de "posar". Os preços da grande artista regulavam entre vinte e cinco mil a quarenta e oito mil francos, por retrato. Seu "siampatico" marido, ao perdê-la, perdia uma verdadeira mina...

Ao dixer a França, a pintora deixava uma



DOIS RETRATOS DE MADAME VIGÉE LEBRUN COM SEUS FILHOS

minosa da linéssima austríaca e com ella sentiu, nos suaves dias de Francon, o suave "plaisir de vivre", atravessou a Revolução, o Terror, o Consulado, o Império, a Restauração... Viu, sobre o trono, a elegancia suprema, a suprema graça de Maria Antonieta, e viu a figura horrível de Luis XVIII... Que contraste tão doloroso para os olhos duma grande artista!

A arte de Mme Vigée Lebrun foi sempre moça e cheia do fútil encanto da mocidade. O sangue da guilhotina não lhe manchou nem estremeceu a alma. A artista soube fugir a tempo da Revolução, soube saçar a sua arte, que decerto não resistiria ao espectáculo de tamanha crueldade. Não viu relar por terra as cabeças que o seu pincel surpreendera em alturas cheias de graça; não viu o soluço da morte apagar o sorriso que as suas mãos acenderam.

A última «soirée» de Mme Vigée Lebrun já foi perturbada pelas narrativas dolorosas dos nobres convidados que iam chegando e aos quais o populacho, já amotinado, insultara. No dia seguinte a essa «soirée», a pintora abandona Paris e foge para Itália com sua filha, deixando os seus quadros já começados, deixando os seus amigos e o seu salão, um dos mais frequentados da época, o salão onde,

brilhante situação economica. Mas tambem podia livrar-se da morte, porquanto a amiga da rainha, a inimiga de tantas aristocratas, não deixaria de atrair a sanha dos "sans culottes".

A Europa inteira, no entanto, abriu-lhe os braços e ella pôde atravessar em triunfo as côrtes de maiores exigências artísticas. Em Bolonha nomeiam-na membro da Academia dessa cidade; em Florença, adoram-na; em Roma e em Nápoles, faz os retratos de todos os personagens em evidência, desde a rainha Carolina até á célebre Lady Hamilton, Ema Lyons, a amante de Nelson. Em Viena, em Praga, em Dresde, desperta entusiásticas admirações. Finalmente, fixa-se na Rússia, sendo recebida na Academia de São Petersburgo e encontrando junto da imperatriz Catarina a mesma protecção que Maria Antonieta lhe dera. Ao regressar a França doze annos depois, veio riquissima, o que contribuiu para que a seus pés caísse de novo o seu volúvel esposo, o antiquário Lebrun.

Nas obras de Vigée Lebrun, as crianças tem um lugar primacial; a pintora foi mãe extremosissima e, decerto por isso, soube encontrar todos os tesouros que encerra a beleza infantil e que até então mal haviam sido explorados.

CAS
PALAVRUCADAS
passatempo moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

QUADRO DE HONRA

DR. MISTERIO, DESTERRADO 18 M. CAPITÃO BOCHE, OADUROMA, PAUSANIAS, RENANDOP.

DECIFRAÇÕES DO N.º 134

HORIZONTAIS.—1 antipatrióticos. 2 nereida, marmara. 3 duerno, sardas. 4 R M S, oca, oic, odu. 5 iao, sanissa, zac. 6 o, avé, o, 7 sai, pró, ler. 8 is, ol, av, il. 9 tá, lat, imo, mm. 10 sab, elencos, aob. 11 a, coa, a. 12 não, ama, roa, alr. 13 ect, ré, lr, tag. 14 feirada, pirraça. 15 atravessadeiros. VERTICAIS.—1 Andri-os, sanefa. 2 neuima, Alda, acél. 3 treso, isal, otir. 4 ler, rá. 5 pinos, polé, arav. 6 adoça, real, mede. 7 tá l, anão, teca, as. 8 r, iv, nó, s. 9 im, oleo, icar, pá. 10 oasis, ramo, ofid. 11 traço, avos, arre l. 12 imo, ri. 13 cadoz, Lima, atar. 14 orada, elmo, laço. 15 sasucer, bargas.

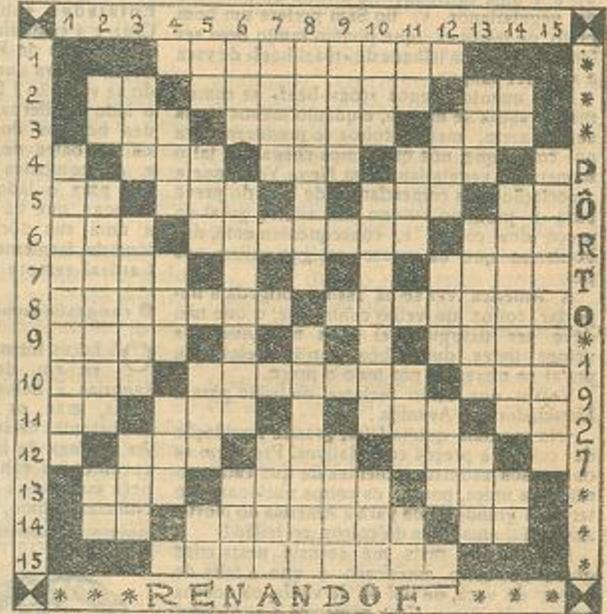
PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso exímio colaborador «Renandop».

HORIZONTAIS.—1 trapaceiro. 2 igual, «mulher», pron. pes. 3 «mulher», terreno cultivado, muito. 4 letra, haste da espora (inv.). «constelação», assistiu, letra, 5 aqui, familia, letra, preceptor, prefixo que designa fim, direcção, etc. 6 jogo da gloria, da medicina, tempo. 7 lugar onde se ajusta e se vende o pescado, letra, letra, homem (inv.). 8 relativo á cicatriz exterior da semente, entre. 9 fluido, letra, letra, quatro letras de «Parar». 10 foi surpreendido, idílios, 3 vogais. 11 duas consoantes, argila colorida por um óxido de ferro, letra, realcei, «nota». 12 letra, renque, providencia «adverbio», letra. 13 ataque, hesito, lugar do sacrificio. 14 porco, chasqueia, conjunção. 15 insecto.

VERTICAIS.—1 recepção. 2 nota, agasalhar, pron. pes. (inv.). 3 mulher, antigo habitante da peninsula (inv.), pe tagogo. 4 letra, acesso de loucura (inv.), rio da Suíça, palmeira, letra. 5 duas letras de «Por», fundador, letra, tumulto, pron. pes. 6 animação, pândega, oferecer. 7

todas as letras de «RELA», letra, letra, letra, desces. 8 fizera-se ao mar, posição elevada. 9 omite, letra, letra, letra, exacto (inv.). 10 raiva, «planta venenosa», três letras de «Meio». 11 seja l, fibra, letra, incorruptível, duas letras de «Java». 12 letra, importuno, todas as letras de «MAS», cólera, letra. 13 cidade espanhola, patética (inv.), navego. 14 interj., aprovaram, duas



letras de «Rua». 15 figura de pensamento, que introduz no discurso falando falsas divindades.

CORREIO

PAUSANIAS.—Recebemos o automovel que, por ser dos mais baratos, sairá da «garage», na primeira oportunidade. As charadas saúão no «Moimho», brevemente.

DR. PRENALTA.—Só publicaremos o seu problema, quando o enviar, novamente, bem desenhado. Tal como está não pode ser reproduzido em gravura.

DR. MISTERIO.—Recebi seis problemas que vão para a «bicha». Pode pôr tudo quanto quizer, menos nomes chineses ou bolchevistas...

CAPITÃO BOCHE.—Nunca simpatizamos com os «boches»... Todavia cá vai para a «bicha».

DR. FANTASMA

Cosulich Line Presidente Wilson
esperado a 7 de Setembro
Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª
CAES DO SODRÉ, 64, 1.º LISBOA Telef.: C. 3601, 3602 e 3603

Torpedo

A mais aperfeiçoada e resistente, para escritorio e viagem
PELES E CONFECÇÕES

J. ANÃO & C.ª L.ª

RUA DOS FANQUEIROS, 375, 2.º

Demonstrações gratis
Telefone Norte 3536

Sucursal
RUA DOS RETROZEIROS, 58
Telefone Central 1020

ALVES & GUERRA, L.ª

ACESSORIOS E FERRAMENTAS PARA AUTOMOVEIS

TELEFONE 5496 N.

ARMAZEM DE VENDAS: — 47, Rua Alves Correia, 49

ESCRITORIO: — 43, Rua Alves Correia, 43

LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

cronica da semana por norberto lopes

MAIS VEGETARIANOS E MENOS COIROS

ENQUANTO que em Lisboa aumenta o preço da carne, em Nova York diminui o numero de carnivoros. O que não quer dizer que diminua o numero de carneiros. Haja visto um exemplo recente, contra o qual protestou o mundo inteiro.

Ora a diminuição de carnivoros em Nova York é uma consequencia directa do aumento de vegetarianos. O tio Sam prefere um bom prato de legumes—que podem muito bem ser lentilhas—a uma talhada de «roast-beef» de vaca a escorrer sangue.

Mas quanto menos «roast-beef» se comer, menos vacas se matam, e quanto menos vacas se matam, menos coiros se produzem. Era ao coiro que nós queriamos chegar. E' tal o numero de vegetarianos em Nova York, que a associação dos comerciantes de calçado prevê para o proximo outono uma subida geral no preço dos coiros, e, consequentemente, das botifarras que os nossos amigos enfiam nos pés.

A America ver-se-há assim obrigada a importar coiros do velho continente, o que não deve ser desagradavel para nós, que nos vemos livres duma boa porção deles que pra'í se oferecem por todo o preço.

Vejam que lindo reclame de leilão para a Liquidadora da Avenida:

«Na proxima quinta-feira, grande liquidação de coiros a preços convidativos. Previnem-se os nossos estimados clientes de que esta occasião é a unica, porque os coiros nacionais vão ter uma grande saída para a America do Norte. Ao leilão, amadores de coiros, ao leilão!»

Mas o que mais me assusta nesta crise grave do coiro americano é que á falta de coiros de vaca, de boi ou de vitela, os nossos amigos de Nova York comecem a aproveitar a pele dos estrangeiros para que não sofra uma baixa—que pode transformar-se em «crack» financeiro—a industria americana de calçado.

NORBERTO LOPES

Este numero foi visado pela comissão de censura

CANILICES



—Compre? São bons, de guarda!
—Ah! Sim? Então guarde-os... guarde-os...

NOVIDADES E NOTICIAS D'AQUI E D'AQUILA

Os católicos e a "elicion"

O Senhor Cardeal e mais a Protectora (saiu um «alexandrina» á Dr. Julio Dantas!) estão de acordo em reconhecer como degradante o espectáculo dos «touro de morte». O que fazem agora as senhoras, que no domingo de manhã vão á missa, e, no domingo á tarde, vão aos touros? Per qual dos «snobismos» se decidem os que vão á missa por ser «chic», e á tourada por ser de fidalgas tradições? Entaladas entre a Cruz e a caldeirinha, o caldeirão de Pero Botelho, para que lado se voltarão? Para o lado de Bernardo Shaw, um dos seis grandes homens do século que bramou contra os combates de box, os combates de galos e os combates entre homens e touros? Ou para o lado dum senhor do «Diário de Lisboa», que há dias prodigalizava madrigais a uma sua doce amiga que encontrara na tourada, fremente de entusiasmo? O Senhor Cardeal sempre teve uma ideia!



O congestionamento dos liceus

OS liceus tem congestões de alunos... Fala-se em descongestionamento, fazendo sangrias á bolsa dos papás que pagam propinas, mas os liceus continuam plétóricos, exuberantes de seiva, animal, animalíssima, até. As fábricas de bachareis são poucas para as encomendas e não dão expediente. Ha quem peça mais liceus E, no entanto, num «Diário de Noticias» ultimo, vinham—no mesmo numero—

dois anuncios bem elucidativos. Um médico, com um ano de pratica, offerencia-se para todo o serviço em Portugal e Colónias... E em letras gordas, lia-se:

«Dão-se dois mil escudos a quem arranjar colocação a um cavalheiro de 29 anos, solteiro, bacharel formado em direito e advogado com 7 anos de pratica, conhecedor principalmente do ramo de direito comercial, como gerente, fiscal, secretario particular, procurador, advogado, preceptor, podendo tambem servir como professor num collegio, de historia, litteratura, filosofia e arte, ramos de que tem profundos conhecimentos.»

A miseria não se comenta. Mas pode-se soltar um grito nada subversivo: A'vante, pais de familia, ávante para as secretarias dos liceus, a matricular os vossos meninos, futuros bachareis formados!

A salvação pelo cinema

EM Deauville, um empresario cinematografico participou que daria um prémio de 50.000 francos ao personagem mais fotografico, apanhado pelos operadores que estão «filmando» o ultimo trabalho da sua casa. O publico vota e o candidato premiado tem as melhores probabilidades de vir a ser «ved.ta» cinematografica, novo astro no ceu de Los Angeles. Esta ideia deu ensejo a um divertidissimo concurso de validades. Houve muita quarentona que armu



Má Lingua

SACCO E VANZETTI

Durante não se sabe quantos annos todo o mundo berrou e se agitou por causa destes dois italianos que um tribunal julgou e condemnou.

Não me alegro cõ a morte de ninguém — exalá todos façam como eu — mas em consciencia não direi tambem que um má é santo — só porque morreu.

Morreu? Eu cá por mim não o matava. Mas a esta franqueza não me esquivo: — Para fallar do mal que o dominava, tanto me dá que seja morto ou vivo.

E não entendo, e cho esquisito, feio, que tantas hordas de civilizados assim opadrinhossem sem receio esses dois anarchistas, condenados.

Então a Russia mata cada dia uma auzia de duzias de innocentes, sem ninguém protestar contra a heresia de feras por tal forma repellentes;

homens honestos, — tantos! — diximados sem julgamento, aos montes, ao calhar, e tu, eu, nós, vós, elles, tão calados, limitando á familia o protestar?...

E lá porque um juiz condenou á morte dois homens presumidos criminosos taj vhemente protesto altivo e forte rasga o mundo em em cyclones palavrosos?!

Então nós vemos que a Maçonaria condemna á morte quem lhe c.r.ta o iôgo — e contra essa nefanda porcaria não ousamos eguer a voz em fôgo,

para depois cehmos num protesto de surda cólera, azedado e intenso, quando um juiz dando o nome ao manifesto lavra em sua consciencia uma sentença?

'stá tuão doido, ou ergo. Ao fôgo que arde tudo leva mais lenha; é o que se vê. Protestar contra a Russia? ... A mão covarde passa a favor do pello á C. G. T...

Quem clama se no Mexico os catholicos são corriaos a tiro como cães? Todos os discursseiros parabolícos curam só de outros males, e outros bens.

Uma carnificina? Gente morta por honra dos principios bolchevistas? Tudo isso são cantigas. O que importa é não deixar matar dois anarchistas.

E ainda em cima fallam do Direito, cantando-lhe o louvor em tom de dô, como se isso a que mil não têm respeito devesse ser sagrado para um só.

que descancem em poz as pobres almas dos pobres tresloucados em delirio; mas não lhe vamos nós levar as palmas, que ha martyrio maior que o seu martyrio.

Dê-se bitola igual a outras affrontas. Não se dê tudo a um, se a outro se néga. Calem-se os homens. Fique Deus a contas com as contas de Saco e do colliga.

Ou ninguém assassine — e a sociedade não levará cabeças á degola, — ou castigue-se a fundo a crueldade, e um diga — mata! — onde outro diz — esfolá! —

questão prévia

Por FELICIANO SANTOS

DIZEM os sabios que a natureza tem horror ao vacuo. Não a censuramos por isso, meus amigos, porque todês os, infimas parcelas da grande natureza, participamos despropor.ionalmente desse n estmo horror.

Tenham a bondade de não encerrar esta allimação sôb o aspecto fisico, porque é mais do que evidente que nenhum de nós, apesar da crise das habitações, gostaria de ser alojado sôb a campanula duma maquina pneumatica. Espalhem vosselencias sôbre a frase aquele pósinho tenne de simbolismo, imprescindível nestas escamoteações, e vamos lá a provar que o homem, particula insignificante da natureza, tem, mais do que toda ela, o horror ao vacuo.

Sempre que se produz um grande e assinalvel factio, de relevo nacional, o horror ao vacuo, que é como quem diz á insignificancia e á obscuridade, manifesta-se largamente e sôb as formas mais caprichosas. Como se dê o caso de a maioria das pessoas não conseguirem, duran e uma, ás vezes, bem longa e trabalhada existencia, vêr o nome impresso nos jornais— que só lho mencionam na necrologia, quando com a vida se acabaram todas as vaidades— uma percentagem relativamente elevada dessa maioria de horrorizados com a modesta penumbra em que vegetam os seus nomes aproveita qualquer momento da vibração patriótica para furar a crôsta e deitar os bracinhos de fora, agitando-os um momento na luz forte da publicidade.

Ele é o infalivel «leitor assiduo», com o exclusivo dos alvites absurdos, em cartas de coluna e meia. Ele é o habilidoso, que faz em miolo de pão a «maquette» do monumento a erguer, em consagração da façanha que entusiasma os espiritos. Ele é o que desenha á pera quadros alegoricos, com disticos dos «Lusitãos», em letra gotica. Ele é o que trabalha lindamente a canivete em cortiça, em choppo, em faia, em todas as arvores, incluindo as genealogicas. Ele é o que, pedindo desculpa da machada, traz a publico, em carta extensa e estilosa, um pormenor inedito e insignificante sôbre a infancia do homem cujo herolamo se celebra, em que o correspondente vê sempre uma predisposição para o cometimento de grandes feitos. Ele é o cavalheiro que, não podendo calar o seu orgulho de português, pede ao sr. redactor pará, por intermedio do seu mui lido jornal, saudar no heroi a alma da Raça e a esperança de um Portugal maior. Eles são, finalmente, todos aquí les e quem o vacuo horrorisa e que asfixiam no desconsolo de que a cidade, o país, o mundo ignorem que na rua do Arco Carvalhão, na travessa do Alcaide cu na Estefania ex ste um patriota de apelido Martins ou Pires, que sabe vibra nas grandes horas da Patria e alinhavar duas má notadas regras em volta de uma ideia, que nem sempre o consegue ser.

Isto, meus senhores, é que é o autentico horror ao vacuo, que por vezes assume caracter tão agudo que leva alguns individuos desta especie, quando ha um crime de sensação ou um roubo importante, a escrever aos jornais declarando que, apesar do criminoso se chamar G nçalves e de eles se chamarem Fernandes, nada entre eles e o facinora ha de comum.



em Mary Pickford e dezenas de aspirantes em Douglas Fairbanks. O cinema, pa a esses fologénicos sem grande saída, é uma verdadeira terra de promissão, da qual apenas estão separados por um deserto de bom senso.

MATERIAL ELECTRICO

Porcelanas, fios, lampadas

OS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

Rua do Crucifixo, 132

TAÇO

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Curiosidades

OS MICROBIOS, ARMA DE GUERRA

A SENSIBILIDADE DAS PLANTAS

O ELIXIR DA LONGA VIDA

Um médico dinamarquês e um médico suíço acabam, quasi ao mesmo tempo, de inventar elixires de longa vida; qualquer d'elles afirma que o termo médio da vida serão os cento e cinquenta anos.

Mas, enquanto não se descobre o maravilhoso segredo, há quem tenha inquirido junto de alguns centenários qual o filtro maravilhoso a que attribuem a sua longevidade. Quasi todos são unânimes em afirmar que esse filtro se chama *bom humor*.

João Maulny, um camponês dos arredores de Sarlat, que viveu cento e vinte anos, dizia, ao findar a sua longa vida: «Não me recorde de me ter encolerizado nunca». E Antonio Rauchin, de Montpellier, também centenário, declarou: «Devo a minha longa vida á igualdade do meu humor, á placidez de alma em que soube sempre conservar-me». Leibnitz também afirmou que a bondade é um elemento de longevidade.

MULHERES PROFESSORAS UNIVERSITARIAS

Nos Estados Unidos há inúmeras mulheres professoras de Universidades ou de escolas superiores. Mas na Europa há poucas. Na Alemanha há só uma: Fran von Wrangel, professora na Escola Superior de Agricultura, de Hohenheim, perto de Stuttgart. Na Itália, contam-se quatro: Ruia Monte, que ocupa a cátedra da Zoologia, em Milão; Pia Nati, que ocupa a de Matemática, em Pavia; Rita Bumetti, lente proprietária da cadeira de Física experimental, em Ferrara; e Cecilia Dentice d'Accadia, que ensina Filosofia na Universidade de Cagliari, na Sardenha.

Em Portugal, houve, até há pouco, uma professora universitária: a Senhora D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos.

A ORIGEM DOS LENÇOS

E' impossível determinar qual a origem certa d'este acessório da indumentária. Talvez os egípcios já o conhecessem. Mas os gregos não o conheceram, porque se sabe que em Atenas era uma grande indelicadeza alguém assoar-se ou limpar o rosto diante de gente. Na alta sociedade romana, na época de Catulo, os romanos serviam-se do *sudarium*, de pano muito fino, que deve ser um remoto antepassado do lenço. O seu uso deve ter-se perdido, porquanto só d'ele encontramos vestígios no ano de 1550. Conta-se que uma linda veneziana, de família rica, teve a idéa de cortar um bocadinho de linho e guarnecê-lo com uma renda, que causou sensação no jardim público que ella frequentava. Assim nasceu o lenço de algebeira, cujo uso passou a França, fazendo furor na corte de Henrique II. A Alemanha adoptou-o por volta de 1580. Mas, nesta época, era redondo, e só a partir do reinado de Luís XVI é que o lenço — que então enxugou tantas lágrimas em tão lindos olhos! — passou a ser quadrado.

A grande guerra veio provar que nos conflitos entre nações se chega a recorrer aos mais mortíferos instrumentos de extermínio, pondo de parte os mais elementares princípios de humanidade.

A «guerra química», a que todos ligamos logo a idéa de «guerra de gazes asfixiantes», desempenhou papel primordial como arma de feroz ataque. Mas é erro julgar-se que a «guerra química» se reduz apenas á utilização dos gazes asfixiantes. A química tem, na guerra, uma acção muito mais vasta, bastando lembrar que o fabrico de substâncias explosivas depende sobretudo d'ella.

Mas a guerra pode também utilizar a acção dos *microbios*, dos venenos vivos, junta á acção dos venenos inertes que são os gazes e, dum modo geral, todas as substâncias tóxicas. Quere dizer: ao lado da guerra química pode surgir aquilo a que um cientista notável chamou a «guerra bacteriológica», a guerra que se aproveita dos *microbios* como arma de combate.

Quem leu as «Recordações de Guerra» do marechal Ludendorff vê que, em certo comunicado alemão, foram publicadas, no auge da guerra, estas palavras assustadoras: «O principal era evitar a batalha... salvar todo o material... destruir as vias de comunicação, as localidades e os poços... Foi proibido envenenar as nascentes...» Resolveram proibir que fossem envenenadas as fontes donde brotava a água necessária aos homens e aos animais... Proibiram, ontem. Permitti lo hão, amanhã?

A guerra microbiana tanto pode ser dirigida contra os homens, reduzindo os efectivos por meio de epidemias, como contra os animais. Num livro do grande dramaturgo recentemente falecido, Robert de Fiers — que também entrou na guerra — lê-se que os alemães chegaram a fazer várias tentativas d'esse género, uma das quais consistia em disseminar culturas microbianas do mormo e do carbúnculo entre o gado romeno. Mas o desenvolvimento de epidemias provocadas é ainda a arma entre todas terrível.

Para se conseguir uma epidemia que extermine logo milhares de indivíduos é preciso saber escolher o microbio. Felizmente, nem todos servem... Devem ser excluídos, entre outros, o da febre amarela, os das várias desintérias, o da difteria, o do tifo e o da febre malaría, uns porque são de fácil combate, outros porque não são transmissíveis pela água, outros porque não são transmissíveis pelo ar, outros, finalmente, porque não se podem espalhar em grande número, isto é, não se prestam á disseminação em massa. Mas em compensação — desgraçada compensação! — há três doenças que se prestam admiravelmente a ser utilizadas com tão ferozes intuitos: a peste, o cólera e a febre tifoide, triptico assustador... A peste é quasi endémica em certas regiões, como nas Indias Inglesas, onde, de 1896 a 1917, matou ainda 45 000 indivíduos por ano; tem os seus focos na Argélia, no Senegal e em Madagascar, e o seu bacilo — há muito descoberto por Yersin e Kitasato — dá-se o melhor possível em países europeus. Os bacilos do cólera e das febres tifoideas — bacilo virgula de Koch, de Eberth e paratíficos A e B vivem muito facilmente na água. São, portanto, estes os microbios de mais trágico e largo futuro bélico...

Para os animais, os microbios mais terríveis, como arma de guerra, são os agentes da febre aftosa, do mórmo e do carbúnculo.

Resta saber como seria transportado o inimigo-microbio desde os laboratórios até junto do inimigo-homem. A imaginação popular forjou lendas sobre a maneira como se podem espalhar os microbios no campo inimigo; falou-se no arremesso de bombas contendo bacilos de cólera, no envenenamento das carnes congeladas, etc. Mas nos serviços sanitários do Quartel General Francês foram observadas, em 1917, duas tentativas alemãs do emprego de culturas microbianas em França. O processo dos alemães consistia em entregar aos seus agentes um tubo de vidro contendo uma cultura do bacilo de mormo, tubo que estava encerrado num estojo metálico que, por sua vez, era metido numa caixa de madeira; ao mesmo tempo davam-lhes um arame enrolado duas vezes numa das extremidades (de forma a fazer dois anéis para meter os dedos) e tendo na ponta um pincel. As instruções dadas aos agentes eram as seguintes: utilizar o caldo de cultura microbiana, vasando-o na ferragem dos cavalos, ou enbeber n'ello o pincel e passar este pelo nariz dos animais, aos quais, sendo possível, era conveniente fazer um arranhão no focinho.

Mas estes processos exigem agentes actuando no próprio campo inimigo e, portanto, sujeitos ao maior perigo. Tudo indica que, a prolongar-se a guerra, se chegaria talvez a aperfeiçoar o «sistema», naturalmente encarregando os aviões de lançar sobre as correntes de água recipientes que, por qualquer processo, se abiriam ao cair e espalhariam o seu mortífero conteúdo. As nascentes infectadas, junto das trincheiras, cu nas grandes cidades do inimigo, bastariam para ceifar milhares e milhares de vidas, em poucos meses. A defeza contra tão horrível ataque pode, no entanto, ser eficaz. Consiste em vigiar os cursos de água, nascentes e lagos; em guardá-los á vista. Perto das grandes cidades, os reservatórios podem ser cobertos.

Desgraçadamente, não são em absoluto infundadas estas visões de pesadêlo. Os homens ainda não merecem uns aos outros a confiança mutua necessária para tornar inventos semelhantes terrores e o sonho da fraternidade universal é ainda demasiado sonho para que os mossos netos já chamem arcaísmo á palavra guerra.

Sir Jagadis Bose, célebre naturalista indio, que já localisou o coração das plantas e registou as suas pulsações, as suas emoções e o efeito das intoxicações sobre o seu organismo, publicou um novo livro, com não menos interessantes afirmações. Sem declarar que os vegetais são conscientes, considera-os mais sensíveis que o homem.

Diz que as plantas são quasi surdas, mas que em compensação percebem a luz muito melhor do que nós, distinguindo até os raios infra-vermelhos e ultra-violeta, que os nossos olhos não podem vêr. As plantas passam, durante o dia, por alternativas de sensibilidade, correspondentes ao estado de vigília e ao sono. A proposito de semelhante observação, Sir Jagadis concluiu que a *mimosa* apresenta hábitos de boémia, pois que dorme de dia e vela de noite. Há plantas que «se cansam com facilidade». As plantas parecem adivinhar a morte e a proximidade do seu último momento provoca-lhes uma forte excitação, que se traduz por uma descarga electrica, tão poderosa que bastaria ás vezes uma serie de plantas moribundas para electro executar uma pessoa...

A ILHA DE SARK

No mar da Mancha, no arquipélago anglo-normando, a Este de Guernesey, a N. N. E. de Jersey e a O. S. O. da costa francesa, encontra-se a pequena ilha de Sark, que é governada por uma senhora: Mrs. Dudley Beaumont, conhecida por a «A senhora de Sark». Mrs. Dudley Beaumont sucedeu a seu pai, o Snr. de Sark, descendente duma família que governa a pequena ilha ja há séculos, graças a uma concessão da Rainha Isabel. Sark é uma terra primitiva, sem cinemas nem automóveis, e de costumes patriarcaes.

Tem quarenta proprietários, que pagam um imposto em géneros e cada um dos quais tem um voto no Parlamento, que se chama «Corte dos grandes litígios» e é presidido por Mrs. Dudley Beaumont. Não há impostos sobre rendimentos nem sobre heranças e apenas se paga uma pequena contribuição sobre o capital. O governador, actualmente governadora, paga ao rei de Inglaterra uma tença annual de 50 *shillings*.

MPRENSA ESTRANGEIRA EM FRANÇA

Em território francês publicam-se nada menos de cento e sessenta e sete jornais redigidos em linguas estrangeiras: oitenta em inglês, um islandês, dezoito em alemão, quinze em espanhol, trinta em italiano, três em grego, três em hebraico, um em Yddisch, catorze em polaco, dois em flamengo, sete em esperanto, vinte e um em russo, dois em arabe, dois em anamita, quatro em húngaro, oito em arménio, três em ucraniano, etc...

A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS

O «STAND» DE:

FERNANDO MORAES & C.ª (F.ª) L.ª

167, Rua do Seculo, 171—LISBOA

T E M:

Fiambre

Mortadela

Salame Nacional

Salame Italiano

Salame, Sangue e Lingua

Salsicça Franceza

Salsicça Francfort

Foie-Gras

Roulade

Galanfina

Paio parisiense

Lingua escarlata

Bacon

Prezunto fumado

Prezunto enrolado

Linguiça

Chouriço de carne

Farinheira

Banña

LAVRADORES!

VISITAE O STAND

HEROLD

**Tractores e Maquinas
Agrícolas**

AUX GALERIES LAFAYETTE

Maison vendant le meilleur marchi de tout Paris

FAÇA AS SUAS ENCOMENDAS NA AGENCIA :

A. Serra, L.ª

AVENIDA DA LIBERDADE, 11, 1.ª

LISBOA

CALDAS DA RAINHA

Hotel da Copa

Este hotel é dos mais confortaveis destas termas, sendo frequentado pela melhor sociedade devido ao bom tratamento, condições higienicas e á sua excelente situação, distando apenas 5 minutos do Estabelecimento Termal e da Estação do Caminho de Ferro.

ABERTO TODO O ANO

Proprietario M. SAUDADE E SILVA

Lacithinarsitol Gayagomenol

CURA :

CURA :

FRAQUESA GERAL

TUBERCULOSE

DOENÇAS PULMONARES

TOSSES REBELDES

BRONQUITES

TUBERCULOSE

COQUELUCHE

ASMA

PREPARADORES

Laboratorio Farmaceutico Luzitano

BOMBARRAL

VEJA O NOSSO STAND

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS



Trinchas com vida
No. 5.

Um par perfeito

Que bem que elles ficam juntos, o Sr. ROBBIALAC e a Menina Trincha! Quem pode igualar a maneira graciosamente suave com que elles deslizam sobre a superficie! Isto é o que todos admiram no Esmalte ROBBIALAC. Escorelão suavemente e por igual que os vestigios da trincha desaparecem a medida que se vai pintando. O ROBBIALAC é especialmente destinado para usos domesticos de maneira que qualquer pessoa, embora nunca tenha maneado um pincel, pode alcançar uma superficie lisa como um espelho.

Agora que apparecem os dias de sol, milhares de ciclista, Motoristas e Automobilistas se servem do ROBBIALAC para restaurar os seus vehiculos, pois este esmalte secando fica rijo, não abre fendas nem se escalavra. As donas de casa tambem a elle recorrem para esmaltar os seus moveis e tudo quanto é destinado a grande trabalho. Fornecem-se folhetos explicando a maneira de se aplicar o ROBBIALAC nos diferentes trabalhos a que se destina. E não esqueça V.Ex.^a de pedir tambem as suas inicias em ouro que tambem enviamos gratis. Escreva já.

Gratis! As Suas Inicias em Ouro

Recorte V. Ex. este coupon, hoje mesmo e mande-o para H. MITCHELL LDA Travessa da Ribeira Nova No. 26—1.^o LISBOA e receberá um folheto de instruções e dois lindos transferidores com as suas inicias, que applicadas sobre o seu Automovel, Bicyclete ou Moto lhes confere o ultimo toque de elegancia. Escreva as inicias que deseja.....

Nome.....

Morada.....



Vêr o nosso Stand

COLÉGIO DE SANTO ANTONIO

Rua Maestro Antonio Taborda, 14— LISBOA
(Bairro Novo da Lapa)— Telefone C. 1561

Director — Dr. José d'Almeida Correia
PROFESSOR E CÓNEGO DA SÉ DE VIZEU

Encontra-se já aberta a inscriçao de alunos, neste novo colégio católico, para o próximo ano escolar. Admite alunos internos, semi internos e externos para os Cursos de Instrução Primária, Curso dos Liceus, Curso Commercial e Curso Agrícola. A direcção técnica d'este ultimo curso está confiada a um professor diplomado e com pratica de ensino da especialidade.

Pela sua esmerada situação higienica e saude, pelas condições de salubridade, acido e conforto das suas instalações, pela orientação pedagogica e disciplinar traçada no seu programa, em muitos pontos diferente da geralmente seguida noutros colégios— orientação— que visa a tornar a vida escolar um prolongamento da vida da familia—, o Colégio de Santo Antonio impõe-se ha a consideração de todos aqueles que desejarem proporcionar a seus filhos, a par da esmerada cultura intelectual e física, uma sólida formação social e religiosa e a preparação para a vida como ella é na realidade.

Envia-se o Programa-Regulamento, e quaisquer outros esclarecimentos, aos interessados que os solicitarem.

AUTOMOLISTA



160, Rua Alves Correia, 160

LIMITADA

LISBOA

Sempre o maior sortimento de accesorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico : AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



Ao Pólo Norte

chegou pela primeira vez em aeroplano «Norge» o explorador Amundsen. Este record só foi possível com um Equipamento completo observado até ao minimo detalhe.

Resultados como este só com a vela Bosch.

Ao motor verdadeiro e vela verdadeira.

Esta frase tambem é applicável para o seu automovel. Por isso, quando necessitar de velas, lembre-se da marca Bosch.



ROBERT BOSCH A.-G. • STUTTGART

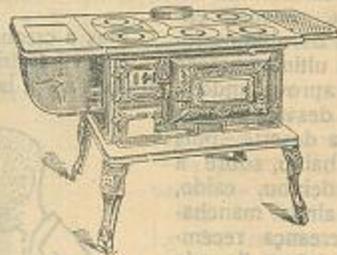
Representante exclusivo:

ROBERTO CUDELL

RUA PASSOS MANOEL, 41 — PORTO

Fogões Escoceses

(MODELO CASEIRO)



Economicos.

Centenas a funcionar

em

Portugal.

Depositario:

Herber Cassels

Junior

Rua 24 de Julho, 56 — LISBOA — Telefone C. 3256

FUNERAES

TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMETERIOS,
PROVINCIA, ETC

URNAS,
ARMAÇÔES,
COROAS, ETC

PREÇOS REDUZIDOS

SERVICO PERMANENTE

131. R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:

RUA DOS ANJOS, 139, 2.^o E.

LISBOA

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

Leia
esta
pagina!
Como-
ver-se-
-ha!
Tem
en-
canto
e tem
um
gran-
de sa-
bor
portu-
guês.

«Escovinhas»

Admiravel pagina de emoção, de sentimento e de caracter popular, onde passa, cheia de pitoresco e de interesse, uma vida humilde.

RECORDOU-SE por muito tempo o S. Pedro daquele ano, na Esperança. E' que foi uma noite agitada, uma noite de balburdia sangrenta e uma noite assinalada por factos que a deixaram por muito tempo como o assunto das conversas no soalheiro das varinas, ás tardes, enquanto o sol brilhante e fino que vem coando a luz sobre as aguas do rio chameja de oiro os topos dos predios do Conde Barão e dos altos de Santa Catarina. Foi o caso que, no acceso do baile, quando o mulherio andava tonto da dança, exangue, suado, sensual, enquanto no ar estalavam os ultimos foguetes e se saltavam as ultimas brasas das fogueiras, alguém, aproveitando o escuro que ficava num desvão da Rua das Madres, a essa hora deserta—pois todo o arraial era para baixo, sobre a Calçada do Marquez, deixou, caído, nuns trapos nojentos ainda manchados de sangue, uma creança recém-nascida, roxa, inerte, congestionada quasi, de olhos cerrados e com os pequeninos braços cruzados sobre o peito...

Foi a Catarina, ao regressar a casa, já quando a luz violeta amaciava a cal do casario, que ao meter a chave ao trinco sentiu um gemido agudo, metálico como um grunhido de chibo, a sair do rôlo confuso dum chale velho.

— Santo nome de Maria! E' uma criança! E coitadinha, enregelada do orvalho da manhã, roxinha e esguia que metia um dó d'alma!

— Ai Santo nome de Deus! Oh homem, alevanta-te, pois tu não vês?! Pois tu tão pregado estavas que não ouvistes?!

E foi um alvoroço em casa. E todo o mulherio que vinha de baixo, do arraial, parou a ver.

E foi um vozear e um zumbir doído de vozes de mulher, e de garotos a querer ver, a saltar, a inundar a casa da «ti Catrina da lota», e a pisar a «alcatifa», que ela teve de correr tudo.

— Nan que eu não n'ô quero!
«Estou velha. Vão-me já chamar o guarda. Vá, se não vou eu!

E logo dois catraios galgaram a encosta, lestos, e foram ao policia de giro, que na Esperança, junto ao chafariz, dormitava, caçado, junto dos degraus.

— Que tinha aparecido, em casa da «ti Catrina» uma creança morta...

Mas a creança não estava morta. E a «ti Catrina», com as mulheres, tinham-na já lavado em agua quente, e



Enfileirava sobre a mesa as mobílias das bonecas...

uma, a Inacia, que tinha uma cachopinha de um mês, apenas, com o orgulho de ser a unica que o podia fazer naquele momento em toda a rua, deixara sair do seu corpete justo o seio elastico e moreno onde duas veias azues palpitarão fecundas, e dera-o á creança, que entreabrira os olhos num sorvedoiro gulôto e descansara a pequenina mão sobre o calor amigo do peito.

Assim appareceu na Rua das Madres, á Esperança, o «Escovinhas...»

Nunca se deu fé de quem era, donde viria, como teria ali aparecido aquele garoto franzino, moreno, seco como um arenque, de cráneo reluzente e despido, pisco do olhar e sempre um pouco tremulo na fala e no gesto.

Filho de boa gente? Filho da Rua, fiór de miseria, florida na valeta dum viela imunda?

Um misterio. Um misterio impene-



Estava agora no Telhal...

ravel como a morte. Um misterio que nunca teve investigadores, que nunca preocupou ninguém, porque ninguém se importou da origem ou do destino do «Escovinhas» da Esperança.

A historia é simples e perfumada de seu ar de tragedia, e nela perpassa, com o sabor do seu pitoresco baírrista, a alma destas grandes caricaturas sentimentais do «Povo», que crearam a lenda do «menino do Castelo» e deram no teatro popular o «Custodia» da «Severa».

O «Escovinhas» da Esperança foi creado na Rua das Madres, de porta em porta, aos baldões e ás esmoladas dos ovarinos. Morta a «ti Catrina», o pequeno, que então contava 5 anos, ficou ao desamparo. Era um raquitico e um atrazado e, nas longas tardes, ficava-se, descalço, na soleira da porta, abstracto e triste, sem correr como os outros, á pedrada, pelas calçadas do bairro. Passava os dias entretido a rabiscar barcos de vela e figuras e coisas que via passar...

—E' a modos que avariado—dizia-se.—E o «Escovinhas»—por causa do cabelo, ralo e direito como um limpapenas—ia comendo a bucha dos restos, dormindo por favor no vão dum escada ou num sotão sem luz, quando a chuva apertava mais. Ao domingo, uma varina velha—que fôra das que o vira na primeira hora—lava-lhe alguma camisita remendada e, desamparado, só, entregue a si mesmo para o que Deus quizesse, sem a voz dum amigo ou a caricia de alguém, o «Escovinhas» foi crescendo...

Quando entrou na idade em que os outros se sentem homens, o «Escovinhas» viu nascer-lhe pela cara uma pe-

nugem rala. Então já ele fazia reca dos pela vizinhança e era fiel nos trocos e rapido nas voltas, e por isso o procuravam.

Um pobre cego, que fôra torneiro de metaes e agora vivia só, numa loja da rua, deu-lhe um quarto—para que lhe olhasse pela casa e fizesse o comer.

Tinha o «Escovinhas» quinze anos. Crescera depressa, esgaldado e deselegante, como um frango sem penas.

E ele, que desde garotinho foi sempre o «habilitado de mãos», dessas vocações perdidas e ignoradas, que cristalisam no pequeno brinquedo de rua, ou na miniatura de cortiça que se vende miseravelmente—ele, o «Escovinhas», pelo ar pisco dos seus olhos de miope, pela «gaucherie» apagada do seu todo—ele, o «Escovinhas», sentia-se feliz por aquele lar que se lhe oferecia.

Dedicou-se então mais ás suas industrias. Das suas mãos magras e tismadas saiam pequeninas mobílias de bonecas.

Eram leitos, comodinhas, cadeiras microscopicas, onde o seu habil canivete, nos serões sem fim, traçava curvas e recurvas, com uma paciência de chinês doente e com a graça ingenua dum florentino da primeira renascença.

E longas noites, longas semanas, longos anos, o «Escovinhas», por detraz da vidraça, mais esqualido, mais mirrado, ia alinhando sobre a mesa, numa parada de miniaturas, os mobiliarios pequeninos, amorosamente tomados da sua graça ingenua, e ás vezes—quantas vezes!—ao ficar se, até cair a luz a olhar com ternura os moveis das bonecas, por detraz da vidraça, o «Escovinhas» sentia humedecer-lhe os olhos uma lagrima...

Uma lagrima inutil, uma lagrima perdida, uma lagrima estúpida, que vinha sem se saber porquê, e que ás vezes ficava, até altas horas, a enche-lo dum paz imensa tão triste e tão boa, que o «Escovinhas» quasi se sentia feliz...

A Ermelinda era uma pequena ruiva, palida, um pouco sardenta e dum olhar azul e frio como a ametista.

As tardes passava sempre. Era fina, flexuosa, e tinha um dobrar de quadris gentil e nobre, e uma maneira de lancar nas pedras o pé pequenito e bem calçado que lhe fazia estremecer, sob o corpete, os seiositos tumidos, como dois pombos vivos e tremulos.

O «Escovinhas» parava sempre o trabalho e vinha logo, pisco, no seu ar caçado de miope, ve-la por detraz da vidraça. Ficava no seu cubiculo, mas o respirar agitado do seu peito era outro, e a sua mão tremula, já não fazia tão bem o entalhe dos pequeninos brinquedos de boneca...

Sim, era isso. Desejava-a. Altas horas da noite, em volta do seu catre, no humido aposento onde ficava, a ima-

CONTINUA NA PAGINA 14

UMA NOVELA DE AVENTURAS
COMPLETA

QUANDO o *Mauritania* se aproximava da barra, num compasso dolente de tango que punha um certo mal estar nos estômagos mais fracos, recebeu-se a bordo um radio concebido nos seguintes termos:

«Rebentou uma revolução em Portugal. Previnem se os srs. passageiros de que é perigoso desembarcar em Lisboa».

Cra a grande cidade flutuante navegava para Lisboa a todo o vapor das suas enormes caldeiras. A vida a bordo decorria alegremente, da cabine para a casa de jantar, do refeitório para o deck, do deck para a sala de fumo e da sala de fumo para o salão de baile.

Animavam este cenário colorido de quermesse sempre em festa alguns sorrisos internacionais, que iam desde o sorriso ironico duma francesinha galante em viagem de recreio para o Brasil, ao sorriso melancolico duma argentina vistosa, em viagem de retorno para a sua patria.

Havia tambem algumas alemãs de olhos azuis e de cabelo loiro, da côr do trigo maduro, e uma dama inglesa, alta, espadada, severa, pertencente á melhor nobreza dos riscados de Oxford.

Mas havia sobretudo uma brasileira do Rio Grande do Sul, chamada Nadir, que era a zona 10 de todos os atiradores de bordo—que faziam dela o alvo preferido de seus olhares românticos e passionais.

Quando o telegrafista desceu com o radio na mão, para o comandante ler, —radio misterioso que tinha sido, certamente, transmitido por uma agencia de noticias tendenciosas—fez-se um circulo de curiosidade em volta do velho oficial de marinha mercante, que comentou a noticia com um sorriso desprimoroso para o nosso país:

—C'est la vingtième revolution qui éclate au Portugal pendant la breve existence du régime republicain. C'est un bien joli pays!

Algumas senhoras mais tímidas aconchegaram a gola de peles ao pescoço, como para se proteger dum perigo imaginario, e a brasileira do Rio Grande do Sul encostou-se nostalgicamente á amurada do navio, fixando ao longe com um olhar voluptuoso o primeiro farol que anunciava a costa portuguesa.

O *Mauritania* fundeu de manhã em frente da Rocha de Conde de Obidos e raros foram os passageiros que se atreveram a pôr pé em terra. Entre eles, fresca e saltitante como uma arveola, toda alvoroçada por uma ideia secreta que lhe punha nos olhos românticos um brilho singular, contava-se a brasileira do Rio Grande do Sul.

Cumpridas as formalidades da Alameda e depois de ter atravessado aquella ponte indecorosa que separa o

cais de embarque da cidade—é aquilo o cais da Europa!—Nadir tomou um taxi e deu ao chauffeur uma morada que lhe devia ser familiar, pela facilidade e pela doçura com que pronunciou o nome da rua. O taxi partiu e dentro dele, sósinha, através da cidade policiada pelas patrulhas vigilantes da Guarda Republicana, ia um coração de mulher que entoava a grande instrumental o canticô da esperança e que algumas horas mais tarde havia de regressar a bordo, gemendo o *de profundis* da agonia.

Depois de subir a Avenida, onde os



Havia uma brasileira do Rio Grande do Sul, chamada Nadir...

transeuntes eram raros áquella hora, — e esses raros passavam a medo, refugiando-se por vezes nas embocaduras das ruas—o automovel parou em frente duma porta da rua Luís Bivar e Nadir apeou-se rapidamente, mandando embora o chauffeur.

Não foi sem uma grande comoção que bateu á porta. Toda ela tremia. Uma criada veio abrir. Disse um nome, o nome dum oficial de marinha que visitara o Brasil havia pouco tempo, a bordo do seu navio, e esperou uma resposta. A criada respondeu que o sr. tenente X saíra de casa na vespera, chamado por uma ordem urgente do Ministerio da Marinha, e que ainda não voltara. Como as coisas não estavam boas lá pela Baixa, ella propria estava em cuidado.

—Pobre sr. tenente e maldita gente esta que não acaba de ter juizo!

Nadir, chamada á realidade, sentiu que as forças lhe faltavam. Um presentimento tragico atravessou-lhe o cerebro. Sentiu se imponderavel—como suspensa no espaço.

Não teve coragem de perguntar mais nada. Saiu e encontrou-se na rua mais sósinha do que viera, com o coração ferido por uma ideia dolorosa, que se lhe cravara no peito como um espinho. Vagueou ao acaso pela cidade, como uma sonambula. De quando em quando, ouviam-se tiros. Berravam-lhe de longe:

—Fuja! Fuja!
Ella não fugia. Continuava a andar maquinalmente, sem dar conta do perigo que corria.

A novela romantica daquela toulne-

A noiva do tenente X

Pagina emocionante de amor e de luto, onde passa o drama silencioso duma alma ferida de morte.

gra de vinte anos conta-se em vinte linhas. Conhecera o num baile, no Palacio de Guanabara. Mais tarde, quando ele regressou a Portugal, estavam noivos—noivos por um juramento sagrado que tinham feito um ao outro, sob a benção dum luar de prata.

Para serem completamente felizes, faltava apenas uma formalidade: o casamento. Mas a familia opunha se. A familia era o pai. Enquanto ele visse, Nadir não poderia casar com o jovem oficial português.

Uma lesão cardiaca roubou-lhe o pai no fim do outono—e ia restituir-lhe o noivo no começo da primavera.

Aproveitando a companhia duma pessoa amiga que vinha á Europa, embarcou um belo dia no Rio de Janeiro, com o coração a trasbordar de esperança. Como tinham de ir a Paris,

se desenrolavam á sua volta, Nadir vivia apenas para um pensamento que lhe punha na alma romantica uma onda de ternura.

Sem saber como, encontrou-se por acaso á porta do Arsenal de Marinha. Viu alguns homens armados. Havia rostos tismados de polvora, que noutras circunstancias lhe teriam causado pavor. Naquella altura, despertaram-lhe apenas curiosidade. Aproximou-se. Os homens olhavam para ella com espanto. A sua audacia infundia-lhes um sentimento de respeito por aquella mulher, que procurava talvez o marido, o noivo ou o irmão.

Abriu se a porta do Arsenal. Os marinheiros armados deram passagem. Havia um movimento geral de respeito—de piedade. Quatro homens seguravam uma maca da Cruz Vermelha.

Por um fenomeno misterioso de telepatia, frequente em certas naturezas sensiveis, Nadir viu o seu noivo estendido dentro daquela maca—como se fosse dentro duma urna de cristal.

Ficou branca como a cal da parede. Não se atreveu a dar um passo. Não fez um movimento. Dir-se-ia que o seu corpo ficara subitamente dominado por uma paralisia geral.

O cortejo passou. Voltaram a fechar-se os portões do Arsenal. Quando voltou a si, Nadir perguntou a um marinheiro que se lhe dirigiu o nome daquele ferido.

—Aquele ferido já ia morto. Era o tenente X.

Não precisava que lho dissessem. Já o sabia.

A' noite, quando o *Mauritania* levantou ferro, deixando por estibordo a cidade envolta em luto e em misterio, destacava-se na amurada um vulto branco—que chorava em silencio.



A sua audacia causava-lhes espanto...

passou em Lisboa sem dar sinal de si e tomou mais tarde o *Mauritania* no Havre, disposta a fazer uma surpresa agradável ao seu noivo.

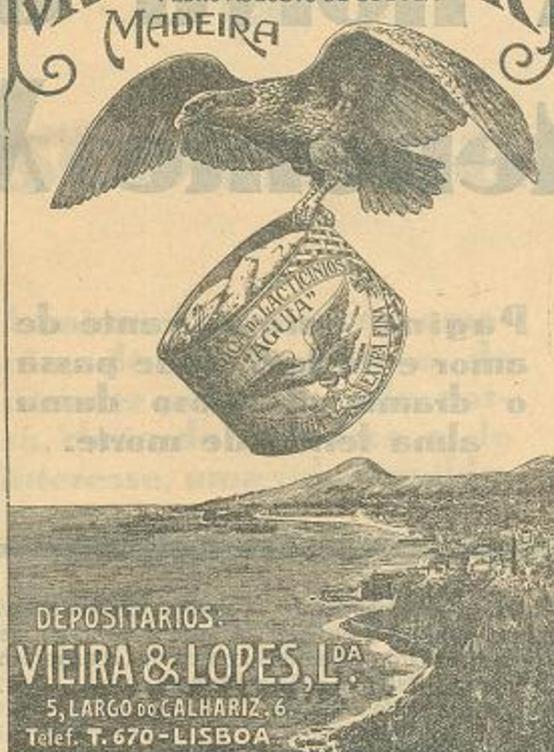
E assim, desembarcou em Lisboa, cheia duma comoção que não lhe fazia ver o perigo que corria, atravessando como uma sombra melancolica as ruas da cidade.

Insensivel aos acontecimentos que

NORBERTO LOPES

Leia esta pagina de Norberto Lopes o brilhante jornalista da geração moderna que foi com Sacadura Cabral ao Brasil.

MANTEIGA AGUIA
DE PEDRO AUGUSTO DE GOUVÊA
MADEIRA



DEPOSITARIOS:
VIEIRA & LOPES, L^{DA}
5, LARGO do CALHARIZ, 6
Telef. T. 670 - LISBOA

VEJA O NOSSO STAND

Banco Nacional Ultramarino

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: - RUA DO COMERCIO - LISBOA

CAPITAL REALISADO
Esc. 50:000 000\$00

RESERVAS
Esc. 42:000,000\$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE - Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Covilhã, Coimbra, Evora, Elvas, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Guimarães, Guarda, Fundão, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Portalegre, Portimão, Penafiel, Porto, Regua, Santarém, Setúbal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Santo Antonio, Vila Real de Traz-os Montes e Vizeu.

MADEIRA - Funchal AÇORES - Angra do Heroísmo e Ponta Delgada
CABO VERDE - S. Vicente e S. Tiago
S. TOME, PRINCIPE GUINÉ - Bissau, Bolama

Correspondente e Agente Geral em Angola e Congo Belga, BANCO DE ANGOLA - Com filial em Loanda e Agencias em Cabinda, Novo Redondo, Benguela, Vila Silva Porto (Bié), Malange, Lobito, Mossamedes, Sá da Bandeira (Lubango), Kinshasse (Congo Belga).

AFRICA ORIENTAL - Beira (Agencia) Banco da Beira, Lourenço Marques, Tele, Moçambique, Inhambane, Chinde, Quelimane, Ibo.

INDIA - Bombaim, Mormugão e Nova Gôa. CHINA - Macau. TIMOR - Díli. BRASIL - Rio de Janeiro, Pernambuco, S. Paulo, Pará, Manaus.

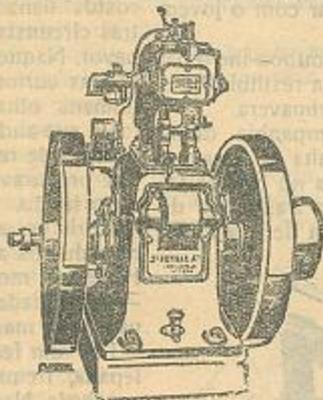
INGLATERRA - Londres. FRANÇA - Paris. ESTADOS UNIDOS DA AMERICA - Agencia em New York.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colónias, Brasil e restantes paizes estrangeiros.

Porque é que os motores

DEVILLE

São preferidos?
É devido ás suas qualidades
Simples Robustos
Economicos



Pedir preços e informes

J. P. da Conceição & Ribas, Limitada

121, Rua dos Bacalhoeiros, 1.º LISBOA

CORREIAS PARA TRANSMISSÃO E SEUS ACESSORIOS

Visitai o nosso "STAND"

TELEFONE C. 641



Casa Palissy Galvani
Guilherme F. Simões
LIMITADA

COLOCAÇÕES

E reparações de campainhas electricas, telefones e pára-raios

Preços sem competencia

LUZ ELECTRICA

Deposito de todos os aparelhos da sua especialidade

Descontos aos revendedores

13. RUA SERPA PINTO, 15 - LISBOA

Um "Stand" que se deve visitar

O industrial

Antonio Hipolito
de TORRES VEDRAS

expõe os artigos fabricados na sua fabrica

Prensas MARMORIER para vinho

Pulverisadores Sistema "GOBET"

Premiados com medalha de ouro e Diploma de Honra em exposições a que tem concorrido

Fabrica Metalurgica
"A INDUSTRIAL"

RUA SERPA PINTO

TORRES VEDRAS

Endereço telegrafico:

Antonio Hipolito - Torres Vedras

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS



FABRICA DE CERVEJA ESTRELLA

PILSENER



A MELHOR CERVEJA DO PAIZ

VISITEM O STAND DA

Companhia de Cervejas

ESTRELLA

Pedidos á Companhia: Tel. 541, 542, 543

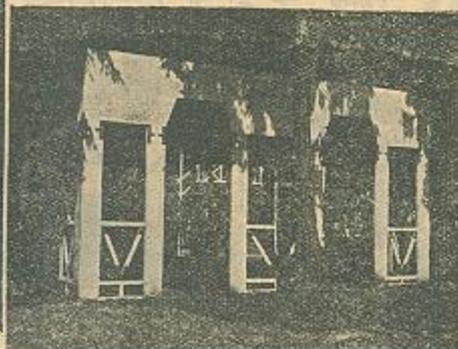
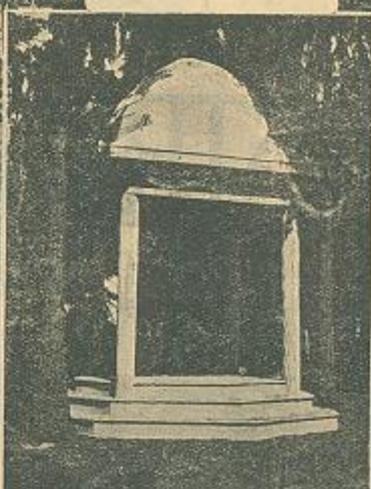
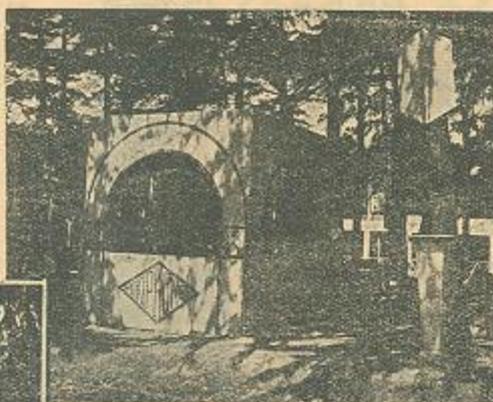
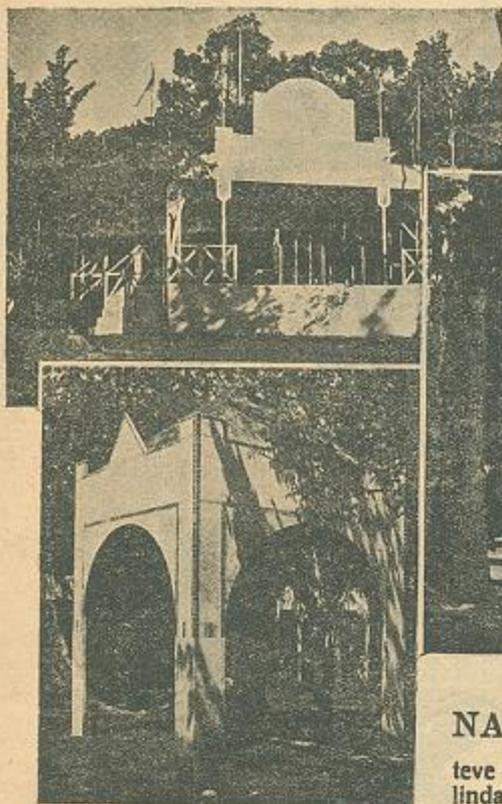
Avenida Sacadura Cabral—Campo Pequeno—Lisboa

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

actualidades graficas

AS GRANDES ELEGANCIAS NOS FATOS DE BANHO

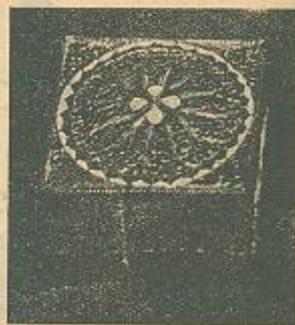
A V EX-
POSIÇÃO
DAS
CALDAS



Ultima criação dum grande modisto parisiense para traje de banho.

Foto Mourisse

OURIVESARIA PORTUGUESA

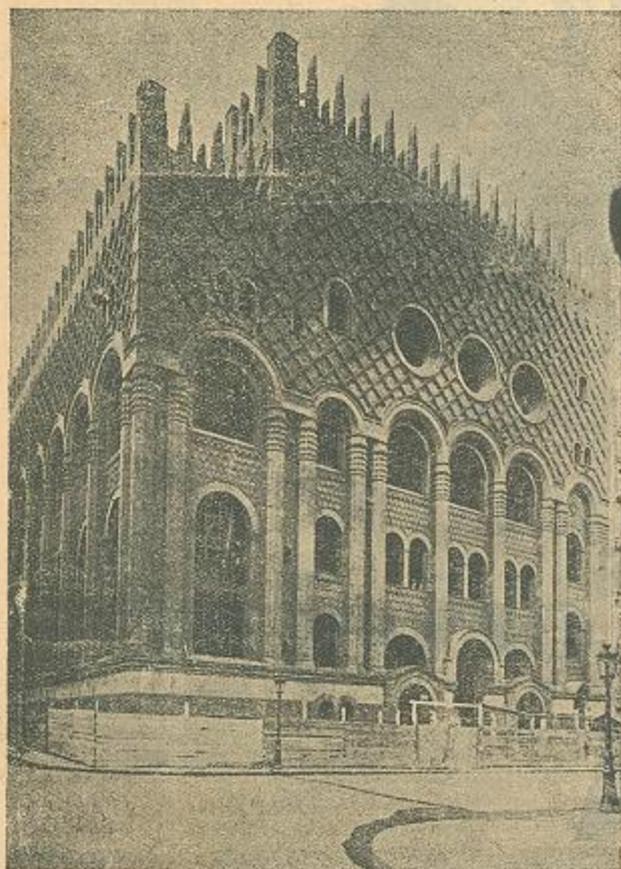


Uma elegantissima peça da acreditada ourivesaria J. & M. Pedro Fraga, da Rua da Palma, 82.

NA CIDADE DAS CALDAS DA RAINHA

teve lugar a V exposição regional, com enorme brilhantismo, marcando a linda cidade extremenha um lugar de primeiro plano como terra de iniciativa e de progresso. Aspectos dalguns stands delineados pelo ilustre architecto sr. Paulino Montez e que se erguem no frmoso parque.

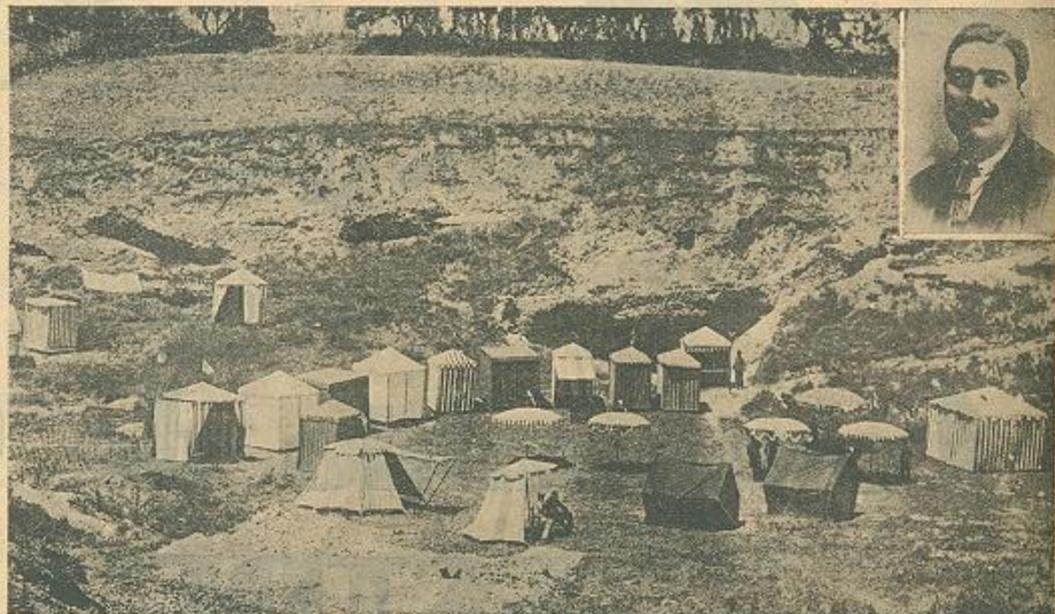
UM GRANDE SPECIMEN DE ARQUITECTURA MODERNA



O novo palacio do Instituto da Historia da Arte, inaugurado em Paris.

Foto Mourisse

UMA GRANDE INDUSTRIA MODERNA DE PORTUGAL



As barracas e os toldos de José Ferreira Gomes. No medalhão: O notavel industrial Sr. José Ferreira Gomes, incansavel trabalhador, num meio onde a assistencia financeira desacompanha sempre os homens de acção, tem conseguido instalar uma industria já hoje victoriosa: toldos e barracas. Um aspecto da sua bela colecção, cujos modelos se não executam melhor no estrangeiro.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
ilustrado

TEATROS

**Companhia Ilda Stichini-
Raul de Carvalho**

A TEMPORADA DE INVERNO

cá por dentro

tem obtido enormes êxitos

Quais as peças que se representarão nos nossos teatros.

A brilhante e moça companhia de Ilda Stichini e onde é primeiro galã o notável «jeune-premier» Raul de Carvalho—quasi toda ela composta dos melhores elementos do nosso moderno teatro, acaba de obter novos triunfos, tendo fechado já o seu contrato para

FALAM OS AUTORES PREFERIDOS DO PUBLICO



Feliciano Santos

O primeiro a ser interrogado, numa destas manhãs febris... manhã febril para o reporter que teve de andar em cata do prezado colaborador do «Domingo», da Bertrand para a Arcadia (o dr. Feliciano não é politico, é funcionario publico...) dá para a Sociedade de Escritores.

«O gerente está a chegar...» foi a resposta que nos deram.

Mas tardava... Quando chegou, esbaforido, pouco pôde dizer. Tivemos que dar tempo ao tempo, esperar que s. ex.^a assinasse a papelada.

«Uma entrevista? Mas não me lembrei ainda de echer as colunas da «Questão prévia» com a prosa dos amigos...»

O dr. Feliciano gosta de gracejar... Arquivámos a piada e encetámos o interrogatorio.

Nada de entrevista. Uma simples e inocente perguntinha: Que peças há para o inverno?

—Ah! Isso é mais serio! ponderou, a rir, Feliciano Santos.—Vai haver muita peça. Os teatros vão ficar todos abertos. As companhias que andam pelas provincias veem para Lisboa. Cinemas transformados em Teatros. Até me contaram que teremos tambem teatro de Natureza, no Jardim da Estrela.

—Será verdade?

—Garanto-lhe. Garanto-lhe que me disseram. Não lhe garanto que seja verdade.

—Mas a respeito de peças?..

—Muitas. Não calcula! Estão em moda as parcerias. E o meu amigo sabe bem do que é capaz um escritor quando arranja um sócio para dividir a maçada de escrever para o teatro...

—Não nos importa saber das peças dos outros. Fale-nos das suas, das que está traduzindo.

—Então estenda o papel e tome nota:

Para a companhia Maria Matos, de colaboração com Mario Duarte e Amílcar de Barros Queiroz, a tradução de «La Caraba», de Muñoz Secca e Antonio Fernandez, e de «Diã Tuffos», de Luis Maeza.

Com Antonio Carneiro estou escrevendo uma opereta que se destina á companhia Armando de Vasconcelos. Um grande papel comico para o Vasco Sani' na... Vai intitular-se provavelmente «O Menino do Ouro», mas não ponha lá isso no jornal...

—Então porque?..

—Porque esse titulo não é definitivo. O Carneiro tem as suas predilecções pelo «Menino do Ouro», e, aqui para nós, francamente, eu optava pelo de «Chiquinho, o Cow-Boy». E' de muito mais cartaz, não lhe parece?..

Feliciano Santos silenciou...

—Não ha mais peças?

—Temos mais duas. Mas os leitores do «Domingo» escusam de saber... São trabalhos mais serios... Genero baírrista... Uma farça original minha, em 3 actos, que se intitulará a «Tapada da Ajuda». E outra, «O Casal Ventoso»...

—Está a gracejar?..

—Nem por sonhos. Esta peça mesmo não é

para graças. Não é farça, é drama. Um drama lancinante entre marido e mulher por causa dos gases... Sofrem ambos de aérofagia. Uma coisa tremenda... E eu posso falar de cadeia... E' a minha doença... Já vê...

João Corrêa de Oliveira

Abordámos o auctor dos «Lobos», pelas 7 da noite, na Brasileira do Chiado. Uma primorosa dissertação que não cabe aqui, sobre o estado actual do Teatro. Nem facécia nem plimismo. Corrêa de Oliveira não é um desiludido. E um scéptico de bom quilate, que se debriça como espectador para o Teatro, quando ele lhe merece a análise.

Anuncia-se mal a proxima epoca. Oxalá que falhe a sua previsão. Mas não é motivo para deixar de trabalhar. Concluida, uma peça para Amelia Rey Colaço. Em vias de conclusão, «A Scena», (não é ainda um titulo definitivo) um estudo do teatro por dentro. O principal papel, «uma luva» para Ilda Stichini ou para Rey Colaço. Obra de mais fôlego que lhe tem merecido todos os cuidados, uma sátira ás doutrinas equalitarias: «Carlos Marques». E' o retrato vivo de um sonhador, sacrificado irremediavelmente pelos ideais que prega.

Pereira Coelho

O colaborador teatral de Matos Sequeira não quer revelar-nos os seus planos de trabalho. Talvez os não tenha, em boa verdade. Tem-se afastado um pouco da «fileira activa» que faz entre nós a produção dramática. O autor do «31» não quer impôr a sua personalidade neste ou naquele «sector». Desvia-se, deixando passar os que estão na liça. Mesmo assim trabalha para o Teatro.

—Que estará a sair da forja?

—Uma magica. Eu e o Matos Sequeira, com o Acurcio Pereira e o Luna de Oliveira, estamos a trabalhar numa magica, de grande espectáculo, como é de uso dizer-se. E termino, com meu irmão Mario Pereira Coelho, a tradução da «Terre Inhumaine», de François de Curel.

—E que mais?

—Nada. Projectos, mas projectos que por enquanto não passam de sonhos levissimos, que me não tiram o sono, felizmente...

Para o seu escritorio

Papeis, tinteiros, livros de escrituração, pastas e todos os trabalhos de typografia e encadernação.

Papelaria Palhares

139, RUA DO OURO, 143

TELEPHONE 842 C.

Foi muito cumprimentada, a bordo, no momento da sua partida para o Brasil, a ilustre e inteligente actriz Maria do Carmo, tendo-lhe sido oferecido um riquissimo aibum para *pensamentos*.

—Num dos teatros do Parque Mayer vai fazer-se reprise da famosa revista «Bombo de festa».

—O actor Alves da Cunha vai representar a «Féra Amansada». As nossas felicitações.

—Em rodas, geralmente bem informadas, colhemos a noticia de que a importancia da multa paga pela actriz Beatriz Costa, que não quiz seguir para o Brasil, reverterá a favor da «Caixa de Reformas e Pensões», segundo os desejos expressos pelo empresario José Loureiro.

Congratulemos-nos com mais este gesto de altruismo do ilustre e inteligente empresario, que tanto tem pugnado pela prosperidade material dos artistas.

—E' voz corrente, nos meios teatraes, que o actor Teodoro Santos vai consorciar-se em breve com uma menina da nossa sociedade.

—Encontra-se em Pêro Negro, a estudar os costumes para uma nova peça regional, o escritor Eduardo Fernandes (Esculapio).

A tournée Palmira Bastos-Jaime Silva

Palmira Bastos segue, por estes dias, em tournée ás praias e termas do país. Acompanha-a o pianista Jaime Silva, Filho, 1.º premio do Conservatorio.

Palmira Bastos vai exhibir-se em recitativos no seu repertorio de canções, constituído por numeros de Matos Sequeira, Pereira Coelho, Lino Ferreira e Silva Tavares.

OURO
Jóias com brilhantes
Grande sortimento muito mais BARATO
SÓ NA OURIVESARIA
CORREIA & MOURA
RUA DE S. PAULO, 186
(Proximo á Casa da Moeda)

Olympio
Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados Filmes de primeira escolha. As grandes produções europ. las e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependências de forma a torná-la a preferida do publico

GRANDES FESTAS EM VILA DO CONDE

Erico Braga, que está atravessando o norte do país num automovel «Studebaker», em companhia de Lucilia Simões e Yvonne Gillibert Lambert, vai promover uma serie de festas, de excepcional brilhantismo, na linda Vila do Conde.

Essas festas, que estão grangeando importantes adesões, iniciam-se a 21 de Setembro com uma récita no teatro e um sarau á americana, em que se fará o desfile dos modelos apresentados nas festas da Curia.

A companhia Lucilia Simões Erico Braga só em Outubro reaparecerá em Lisboa, no Trindade, com a peça «Fautuil 47» de Louis Verneuil, tradução de Acurcio Pereira.

Chiado Terrasse
O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pal dos cinemas libebicos. Optimos filma, sempre variados e para todos os gostos de publico. As grandes produções de aventura. Peças em concorrência. Amplissima e elegante sala.

Nacional Politeama Trindade Avenida Apolo Eden Foz Pathé Cinema

A Companhia Nascimento Fernandes rep. es nta a revista de grande montagem «A Aldeia dos Macacos».

Uma das nossas grandes companhias de declamação Bertha do Bivar Alves da Costa fazem reprise do drama de Victor Hugo «O Miseravel».

Fechado

Fechado temporariamente

Em pleno êxito a companhia Almeida Cruz com a revista «Cosido á partiguer» grande espectáculo de fantasia.

Cinema e Variedades.
As maiores atrações do Music Hall Ive and niss Teatete, «Bar Montreio. Bilox Sanchez — Armando Baltha. Hermanos Flores

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME DR. FANTASMA 28 AGOSTO 1927

Apuramento do n.º 7 (5.ª SERIE)

COLLABORADORES QUADRO DE DISTINÇÃO

FRANGERQUE N.º 7 3 Votos

N.º 1, de D. SIMPATICO... N.º 2, de AFRICANO... N.º 4, de BAOULHO...

DECIFRADORES QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, D. SIMPATICO, DR. PE Com 13 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

EURISTO (9), FRANGERQUE (8)

OUTROS DECIFRADORES

GADUROMA (6), RENANDOF, (5), ANLEDO, FOFO-RONOFF, MARIANITA (1)

DECIFRAÇÕES 1-amegacebejado, 2-ladrado, 3-xilofilo, 4-entrada, 5-alfate, 6-guaitamento, 7-ENCORDOADA, 8-de-bruada, 9-bate-boca, 10-bite-ata, 11-amejoso, 12-objurgado, 13-A um engano, outro engano.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

DEDICATORIAS

ENIGMAS EM VERSO

1 Minha mãe deu-me a origem Com prima, segunda e quarta, Com terça e quarta também Até, pe dá margir, Depois de tudo dizer, E' um facil conseguir, Nas quatro letras que conto -Se nisso liver prazer -Ver um toco e ficar tonto.

2 Não me dê, tão enfiada; As graças do teu sorriso. São favores que não preciso: São mesmo coisas de nada.

3 Não me fale em romaria -1 Porque me causa tristeza, -1 Pois de lá ter lido um dia, Me sinto, ainda, repeza.

4 Se não dá bom resultado, -3 Meu senhor, eu já lhe peço -1 Que se ausente do bicho P'ra evitar um mau successo.

5 «Acabo, de decifrar O "fim" que me dedicara. De certo não foi «de cara», -1 Mas co'o o tempo... a trabalhar... Mando-lhe, a agradecer, Coisa tão mole como a cêra; -1 Queinda vive, porque a espera, Mas que vai quasi a morrer...»

6 Um acidente, muitas vezes, é sinal de miseria. -1-2

7 Você feriu-se na parte onde o braço se une á mão com um prego de pau, e olhe que, por pouco, ia ficando com a tãuca sem mangas. -2-2.

8 Se ele extorque arditosamente o dinheiro, é pena porque, em sendo descoberto, fica «morto». -2-1

9 Não está longe de fugir de onde o prendem, quem tenha estrebado, procurando libertar-se. -4-1.

10 Dizem haver, duplicadamente, e até em maior numero, pessoas que tem o mesmo nome que outras. As duas que eu conheço, para em tudo se parecerem, adoram ambos os lugares onde não dá o sol. -1-2

11 Quer-te muito, «mulher», porque és afectuosa. -2-2.

12 Por um triz e não sei de que forma, ia perdendo a espadina com que me defendi na ilha pauciarica. -1-1.

13 Que figura! Que «notas!» Que bela elevação da voz!... -1-1

14 Sendo você um homem de coragem e não temendo sté uma «serpente do Brazil», por que razão não toma banho neste tanque? -2-2.

15 Quem abre na terra as portas do Bem e da Verdade aquelles onde a luz do espirito não chegou, têm aberto o caminho do bem. -2-1.

16 Eu não fiz copada e creio que até tenho pena de você ter repizado o assunto. -3-1.

17 A ordem prevalece sempre, onde há um governo sensato. -2-1.

18 Quem abre na terra as portas do Bem e da Verdade aquelles onde a luz do espirito não chegou, têm aberto o caminho do bem. -2-1.

19 Muito obrigado e... pode continuar. O prazo é de 15 dias.

20 Recebi e agradeço. Continue sempre. BIXO KNHOTO -Dito... e feito!...

RETRATOS ARTISTICOS E DE RAFINÉE EXECUÇÃO AMPLA... FOTO-AM R. REGISTO CI Tel. N. 3029

«Escovinhas»

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 8

gem da ruiva pairava, esvoaçando sobre o seu leito de febre. Então, a insonia de amor torturava o. Aparecia-lhe, flagrante, a sua inferioridade física. Certo ganhava para comer - mas em que miseria! E a ruiva era tão linda, tinha a pele tão fina, e andava tao bem calçada... Podia lá ela reparar para a vidraça embaciada onde a sua vida se escondia a fazer bonecos... A ruiva! A ruiva! E ela que estava agora tão linda, tão palida, tão leve! Só se ele fosse muito rico, muito rico, que a cobrisse d'ouro e lhe desse joias e casas, automoveis e peles ricas - e todas as coisas boas deste mundo! - E então, altas horas, exangue e febril, o «Escovinhas» acabou por adormecer, vencido pela sua propria alucinação...

Foram meses de trabalho. Quando tudo em roda era silencio, ele cerrava a janelinha, acendia o candeeiro e punha-se a gravar. Era uma placa de cobre, luzente, polida, quente como um rubin á luz aveludada do petroleo.

Os seus estiletos finos como cabelos gravavam, gravavam sempre... Eram noites perdidas, e ele curvado sobre a prancheta do trabalho com as agulhas a gravar os rendilhados da cedula...

Surgia agora perfeito, bem lançado, simetrico o escudo da Casa da Moeda. Dir-se-ia que os ramos de louro estavam mais elegantes ainda, na placa do «Escovinhas»...

E o rendilhado da nota, monotono, irritante, banal, ia saindo dos bicos do seu estilete de aço. Um suor cobria-lhe a fronte magra. Duas olheiras vermelhas orlavam-lhe os olhos alucinados... Uma noite a nota estava completa!

Era a fortuna, o triunfo, a vitoria... O «Escovinhas» apagou a luz - e uma imagem leve, muito palida, esvoaçou no escuro do aposento: - era a ruiva...

Todo o bairro a foi levar aos Prazeres. A ruiva, a Ermelinda, naquele outono, tinha enfraquecido muito. Era apenas a labareda vermelha dos cabelos sobre a palidez de marmore da face magra. E, uma tarde, a ruiva não saiu mais. Entrou de emagrecer e uma ponta de febre, todos os dias, começou a minar-lhe a vida.

Debalde o «Escovinhas» a esperava havia duas tardes. E, nessa noite - na noite gloriosa das primeiras provas da nota, em que ele vira tombar sobre a sua meza, frescas, humidas ainda, as cedulas que fabricara -alguem perto se finara lentamente.

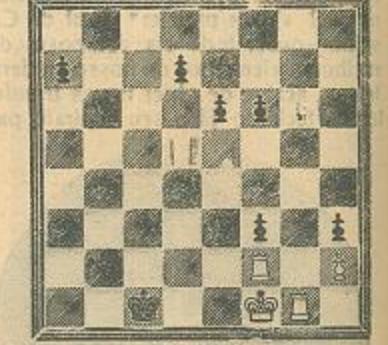
Na manhã seguinte o «Escovinhas» saiu logo - mas a morte circulava de boca em boca. Deu poucos passos na rua e voltou a casa. Um desalento mortal o dominava. Tinha morrido a ruiva!

E, ainda ha pouco, antes de ter entrado para o Telhal, todas as tardes, o «Escovinhas», ao enfileirar os seus mo-

XADREZ

A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Oremio Literaria, Rua Ivens, n.º 17

N.º 137 - PROBLEMA por Franz Sackmann (Wiener Schachzeitung, Abr. 1927) Prezas (7)



Mate em 4 lances Solução do problema n.º 135 (Fuchs) 1 B e 6 - c 4

Resolveram o n.º 135 os srs. Nunes Cardoso e Mucelino Marques de Barros.

CORRESPONDENCIA. - J. L.: A secção de xadrez a que alude terminou prematuramente por exclusiva resolução do jornal que não quiz continuar a publicá-la; não tive nisso a menor interferencia.

Barreira de Sombra CAMPO PEQUENO

A «fartadeia» da morte de oito touros no dia 31 do mês passado e os preços elevadissimos dos bilhetes nas corridas sequentes foram, sem duvida, os dois principais factores para o fracasso de domingo passado, em que a concorrência foi diminuta, vendo-se os logares de sol quasi desertos e a sombra e os camarotes com bastantes «claros».

Não satisfez, no geral, esta corrida, em que apenas se lhe aproveitou a brilhante «faça» de capote e de bandarilhas, do espada «Armillega», uns lances de muita temeridade do seu colega «Carniceteiro» e a lide equestre, superior, de João Nuncio, no touro que abriu praça.

O novilheiro «Salamanca», colhido por vezes, com muita felicidade, foi intimado a retirar-se da arena, debaixo de uma «formidável ovação» de assobios e apupos: tais foram os disparates que executou, que o 4.º touro recheou ao tourel para ali ser abatido.

O 5.º touro teve que ser remetido á «procedencia», livrando-se da morte, por entrar cedo e não poder ser lido nas mesmas condições. Concorreu para o desanimo de todos o curro de touros de pequenas dimensões e pouca bravura, exceptuando os 3.º e 6.º que, não tendo sido umas preciosidades, não deixaram, contudo, de proporcionar uma lide muito amada.

A direcção da corrida, a cargo de «Rodríguez», não satisfez a alguns espectadores e agradeceu a muitos, pelo que houve desentendimento de opiniões, na maioria a favor da orientação que aquele deu á lide.

ZÉPEDRO

biliarios de boneca, no fim do trabalho, longamente olhava a rua... E como a ruiva nunca mais passasse, o «Escovinhas», um domingo, foi aos Prazeres, a enterrar-lhe perto do coval uma chupa de cobre trabalhada a agulha, e marcada já do fel de muitas lagrimas...

O REPORTER MISTERIO

A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS

RED STAR

Fogões de Petroleo
SEM TORCIDAS



Em demonstração
todos os dias no
Stand RED STAR

O melhor fogão de cozinha

AGENTES GERAES:

Cabral & Camara, L.^{da}

FUNCHAL - MADEIRA

Grande Hotel DUAS NAÇÕES

(Filial do GRANDE HOTEL DA CURIA)

End. Teleg.: DUASNAÇÕES

Telef.: N.º 2040 C.

Rua Augusta e Rua da Victoria 41,

No centro da cidade

PREÇOS MODERADOS

BOM TRATAMENTO

ASCENSOR

PREÇOS CONVIVATIVOS PARA FAMILIAS

On parle française.

English spoken.

Man spricht Deutsch

Proprietarios: Costa & Wissmann J.^{os}

OS MELHORES

Bifes

A MELHOR

Cerveja

O MELHOR SALÃO DE

Bilhares

O MELHOR BUFETE

É NO

Café Gelo



Automoveis

A CHEGAR NO-
VOS MODELOS
4 E 6
CILINDROS

Agentes gerais no Sul:
J. J. Gonçalves, Sucs.

R. RODRIGUES SAMPAIO, 90 E 92

MOVEIS

GRANDE SORTIMENTO de mobilias
de quarto, casas de jantar, escritorios, saas
em diferentes estilos e madeiras.
DECORAÇÕES. Sortido de tapetes, carpetes,
olcados, cortinados, etc.
MOVEIS DESIRMANADOS; toilettes, guarda-
vestidos, camas, mesas de cabeceira, etc.
Preços sem competencia
ARMIZENS BARROCA—31, Rua da
Atalaa, 35—Telefone: Trindade 1095

FABRICA PORTUGAL



FABRICA
REGUEIRO DOS ANJOS

Caixa Postal n.º 68
Telefone: Norte 943

LISBOA

DEPOSITOS

P. dos Restauradores, 49 e 57

Tele (fone: Norte 3581
gramas: FIELSA

Premiada com as maiores recompensas em todas as exposições a que tem concorrido, sendo as ultimas em Viseu, Caldas da Rainha e Rio de Janeiro, com menção honrosa e medalha de ouro

Fornecedora dos Hospitais Civis,
Casas de Saude, Cooperativa Mi-
litar, Exército, Marinha. Bancos,
Hotéis, etc.

MOVEIS DE FERRO

Camas de tubo quadrado em ferro e me-
tal — Camas para crianças e berços —
Colchões de arame em todos os sistemas
em ferro e madeira — Lavatorios redon-
dos e rectangulares — Varios moveis de
ferro — Mezas, bancos e cadeiras para
jardim, etc., etc.

COLCHOARIAS

em lã, sumauma e palha das melhores
qualidades.



COFRES

Grande premio na exposição do Rio
de Janeiro e em todas a que tem con-
corrido. — Cofres á prova de fogo,
absolutamente garantidos, com isola-
mento especial e exclusivo do nosso
fabrico, cofres para parede e com se-
greto, casas fortes, etc.

FOGÕES

Grande sortido de FOGÕES com cal-
deira de cobre de todas as medidas.
Fogões com serpentinas para aqueci-
mento de agua para todos os andares
das habitações.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

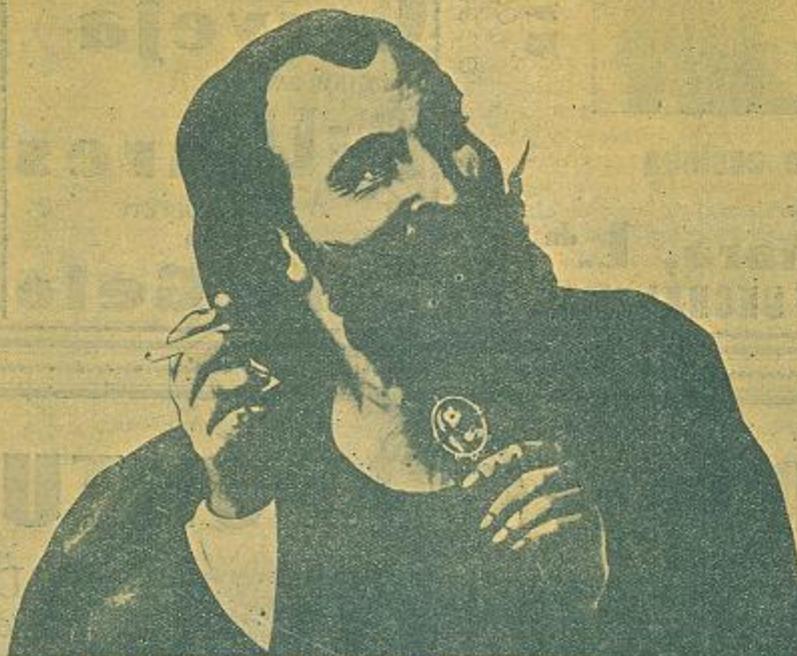
ilustrado

ASSINATURAS
 CONTINENTE E ESPANHA
 LONDRES - 14 240
 LISBOA - 13 240

ASSINATURAS
 COLONIAS
 LISBOA - 14 240
 ESTRANGEIRO
 LISBOA - 13 240

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GOLFOS - TENDAS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES

ZIG-ZAG



O MELHOR PAPEL
PARA CIGARROS

Zig-Zag

OS FUMADORES
DEVEM EXIGIR-O

UNICOS IMPORTADORES EM PORTUGAL
A CASA HAVANEZA - LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING